

a devoradora de pecados

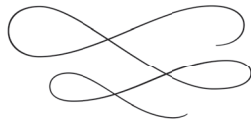
megan campisi

Tradução de Ana Mendes Lopes



SAÍDA DE EMERGÊNCIA
livros para fugir da rotina

Para as minhas irmãs



NOTA DA AUTORA

ATÉ HÁ CERCA DE UM SÉCULO, AS DEVORADORAS DE PECADOS AINDA EXISTIAM em algumas regiões da Bretanha. Os registos de quantas eram e quais as suas identidades estão praticamente perdidos; sabemos apenas que eram párias sociais e que comiam um pedaço de pão ao lado dos caixões dos defuntos para os absolver dos pecados terrenos, num ritual popular com raízes cristãs.

A história que escrevi parte desta débil informação, mas é inteiramente fantasiosa. Algumas personagens podem assemelhar-se a figuras históricas, mas este livro não é histórico, é uma obra de ficção.

UMA SELEÇÃO RETIRADA DE

*Compêndio de Pecados Vários, Grandes e Pequenos,
e os Seus Alimentos Associados*

Adultério — Uvas Passas
Atear Fogo — Empada de Rins
Avareza — Alho
Bruxaria — Romã
Conspiração — Brandy Quente
Contendas — Empada de Restos
Dar à Luz um Bastardo — Uvas
Deslealdade — Língua de Vaca
Desmembramento — Vinho Quente
Difamação — Carne de Corvo com Ameixas
Embriaguez — Hipocraz
Encontrar Defeitos — Empada de Enguias
Enganar — Empada de Porco
Engodo — Leite-creme
Envenenamento — Empada de Pombo
Espionagem — Empada de Miolos de Galo
Heresia — Bolo de Mel
Homicídio (em Defesa) — Coração de Coelho
Homicídio (por Ira) — Coração de Porco
Incesto — Ameixas Secas
Infidelidade — Costeleta de Carneiro
Inospitalidade — Alho
Inveja — Natas

Invenção de Histórias — Cabra Estufada
Ira — Cartilagem
Luxúria — Bagas de Rosa Canina
Mendicidade — Papas de Trigo
Mentira — Sementes de Mostarda
Pecado Original — Pão
Preguiça — Pepino de Conserva
Profanação — Bolachas de Manteiga
Quebra de uma Jura — Pão Doce
Roubar — Pombo Assado
Sacrifício de Sangue — Hipocraz
Sacrilégio — Biscoito de Gengibre
Traição — Bife de Vaca
Vingança — Morcela
Violação (de uma Criança) — Cabeça de Cordeiro
em Leite de Ovelha
Violação (de uma Mulher) — Cabeça de Capão

ÁRVORE GENEALÓGICA
DA FAMÍLIA REAL

REI HAROLD II — C. Constanza de Castilla

Filha — Maris

— C. Alys Bollings

Filha — Bethany

— C. Jenette Cheney

— C. Clelia de Berg

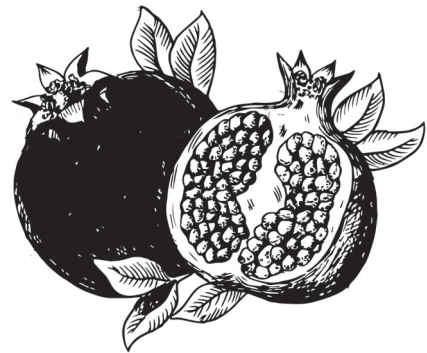
— C. Helen Culpeper

— C. Katryna Parr

(c. Titus Seymaur

Filha — Miranda)

ANTES



PAPAS DE AVEIA

SAL PARA O ORGULHO. Sementes de mostarda para a mentira. Cevada para a blasfémia. Também aqui estão uvas vermelhas espalhadas por cima do caixão de pinho — uma das uvas está rebentada e vê-se um caroço a perfurar a pele como se fosse uma estaca a rasgar a carne. Há corvo estufado com ameixas e um pão caseiro, pequeno com a forma de um fuso. *Porquê um pão com esta forma?*, questiono-me. *E porquê tão pequeno?* Há outros alimentos também, mas não muitos. A minha mãe tinha poucos pecados. Ela era como uma raposa, sempre que lhe cheirava a problemas, fugia com passo ligeiro e olhos atentos. Só se debatia quando tinha a certeza de que podia vencer. O sal, as sementes de mostarda, os grãos de cevada são as únicas comidas cujos pecados conheço. São pecados de crianças, daqueles com que os pais nos assustam ou que os outros miúdos cantam em rimas de rua.

*O pequeno Jack Horner
Estava sentado na esquina
A comer uma empada de inverno.
Comeu a carne toda,
Porque era um trapaceiro,
E disse, «Agora já sou um bom rapaz»*

A devoradora de pecados entra a seguir, carregando a sua barriga volumosa até à sala da frente, onde está o caixão. As tábuas são frescas, acabadas de cortar com a serra, os pregos espetados no sítio, mas não enterrados até abaixo. Ela cheira a cebolas silvestres que já começaram a nascer, apesar de ainda faltar um mês inteiro para o Primeiro de Maio. Tenho vergonha da minha pequena cama desdobrável arrumada a um canto, porque a nossa casa não é suficientemente boa para eu ter um quarto só para mim. A devoradora de pecados resmunga a pedir onde se sentar e a Bessie, a nossa vizinha, traz-lhe um banco. O banco desaparece de tal forma por baixo das saias dela que imagino as grandes nádegas a engolirem-no por inteiro. Um riso abafado escapa-se dos meus lábios e tapo rapidamente a boca com as mãos.

A Bessie leva-me até à janela.

— Não debes olhar — murmura-me ao ouvido. Continua quando me ouve a inspirar, a preparar as palavras que quero dizer, sabendo que sou língua de trapos, sou filha da minha mãe. — A devoradora de pecados caminha entre nós. Mas não se vê. Não se ouve — diz-me.

— Mas eu consigo vê-la — sibilo.

— Não se vê. Não se ouve — repete, para me silenciar.

Já ouvi dizer que as devoradoras de pecados têm a língua marcada, mas esta ainda não abriu a boca.

A Bessie volta a falar:

— Os pecados da nossa carne transformam-se nos pecados da sua através da Cerimónia de Comer, louvada seja. A tua mãe vai voar diretamente para o Céu, May. Não vai restar um único pecado para a pesar e prender aqui.

Vou para o meu lugar, ao lado do meu pai. O rosto dele parece um lençol deixado à porta para o lavarmos, vincado com rugas que não vão desaparecer.

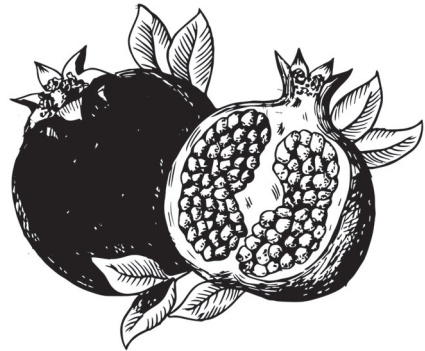
— Eu lavo-lhe o rosto — murmuro. — E penduro-o na corda.

O meu pai olha para mim com aquela expressão que já costuma usar sempre que digo alguma coisa que não parece muito correta. O seu rosto ilumina-se como se lhe tivesse dado uma notícia muito boa.

— O que vamos fazer contigo agora?

As uvas, vermelhas e rasgadas. Um pão com a forma de um fuso. Carne de corvo. Ficam-me colados no pensamento como as papas de aveia na garganta.

AGORA



1. POMBO ASSADO

POR BAIXO DO XAILE, o pão ainda está quente, o bater do meu coração ecoa na côdea. Corro, o mais depressa que posso, ao longo da valeta que ladeia a estrada.

Uma narina castanha larga mete-se à frente do meu rosto e banha-o com o bafo quente de um cavalo.

— Sai da frente! — grita o homem da carroça ao emergir de uma ruela lateral, incitando a égua a entrar na azáfama da rua principal. A égua agita a cabeça de um lado para o outro, com o freio a bater-lhe nos dentes amarelos. O meu caminho fica bloqueado.

Demasiado visível, recrimino-me, mesmo quando estou a sair da valeta para a estrada plana. Escondo o meu prémio na cova entre os seios e passo rapidamente pelo cavalo teimoso e a sua carroça de feno.

— Ei! É ela! — grita o padeiro. Nem me atrevo a olhar, mas desato a correr. Entro numa viela estreita. No cruzamento, olho para um lado, hesito, depois sigo pelo outro, passando por um estábulo e por um ferreiro. Mas o filho do padeiro, que vem atrás de mim, não hesita. As suas mãos agarram-me pelo pescoço e derruba-me para o chão. Fico com o lado do rosto encostado à lama. Consigo ver as botas do ferreiro através da porta aberta. Estou ofegante por ter corrido. Empurro o pão para cima com as mãos e arranco-lhe um pedaço com os dentes. *Mais vale comer qualquer coisa*, é o pensamento que me ocorre. *Já que vou para a cadeia, mais vale ir com alguma comida na barriga.*

—

MAY OWENS. O CARCEREIRO CHAMA-ME PARA QUE SAIA DA MINHA CELA. Chama-me a mim e a todas as raparigas que entraram na mesma semana do que eu. Somos vinte ao todo. Três raparigas que fugiram de casa noutras cidades, mas que não têm parentes aqui, nem licenças para mendigar. Duas prostitutas que se juntaram para subornar o chefe da guarda para ele fechar os olhos. Cinco carteiristas. Oito intrujonas ou pior. E mais uma boa rapariga, como eu. Ela matou um cão vadio para comer, mas como se veio a revelar, o cão tinha fugido a um senhor. O que foi pouca sorte.

Sáímos em fila indiana para o início da manhã de primavera, ainda com o ar pesado da neblina. A humidade infiltra-se até aos meus ossos depois do calor abafado e confortável que todas juntas produzíamos na cela. Marchamos até ao meio da estrada, parando carroças e carruagens, fazendo com que os condutores nos gritem, furiosos. O tribunal fica na porta ao lado, mas esta procissão faz parte do nosso castigo. Toda a gente pode ver a nossa vergonha. E gritam-nos, chamam-nos *mulheres maldosas* e *Eva*.

Quem me dera poder mostrar o nosso interior às outras pessoas, assim como mostramos o rosto. Desse modo, iam saber que não sou nem um pouco maldosa. Ou, então, gostava que olhassem para o meu cabelo e vissem que é exatamente igual ao cabelo da Rainha, tem as mesmas ondas negras. Assim, as pessoas iam saber que sou uma rapariga boazinha, como ela. Não sou uma Eva. A Eva não ficou satisfeita em viver nas planícies celestes com o Criador. Ela saltou para a Terra e procurou o Adão, o guardador dos campos e pomares, fez com que ele a levasse até à árvore do Criador e roubou a sua fruta. Quando comeu tudo e só lhe restava uma dentada, deu-a ao Adão e o Criador amaldiçoou-a pela sua perfídia, enviou-a para ser amante do submundo. Ela é feita do mais puro mal. Até é pior do que Judas, que traiçou o filho do Criador.

O carcereiro leva-nos até um edifício elegante com um telhado tão alto que nem o homem mais alto lhe conseguiria tocar. Alinhamo-nos num banco, vinte raparigas a tremer. Acho que algumas de nós já são mulheres. Eu já sou há dois anos, embora não me sinta como uma mulher. Por outro lado, também não sei como é que uma mulher se deve sentir. Viro o meu anel no dedo. É fino e irregular e não é de ouro verdadeiro, mas gosto de imaginar que é. É a única coisa que me resta do meu pai. Uma lembrança dele.

— O que vai acontecer agora? — pergunto à comedora do cão, que está sentada ao meu lado.

— O juiz vai tomar uma decisão — diz uma rapariga encardida mais abaixo no banco. Ela roubou um copo de prata.

— Ele chama-se magistrado — diz o carcereiro.

— Porque se chama magistrado? — pergunto.

— O meu destino está decidido — diz uma rapariga miudinha, que tentou vender o bastardo que pariu, e quem sabe deixar com ele o nome sujo que a acompanhava.

— Está bem, mas é bom ser chamada — diz a encardida à miudinha.

— Porque é que se chama magistrado? — Tento mais uma vez. — É ele que decide o que acontece?

O carcereiro manda-me calar.

— A mim, parece-me tudo um monte de balelas — responde suavemente a rapariga miudinha, a passar os olhos por nós à espera de concordância.

— Quando chega o magistrado? — pergunto ao carcereiro, mas ele já está a levantar-se do banco.

O magistrado entra por uma porta lateral. Dirige-se a uma mesa de madeira alta e senta-se numa cadeira de madeira também alta. Por um instante, parece uma criança a subir para a cadeira grande do seu pai, e a gargalhada salta-me da boca antes de a conseguir abafar. O carcereiro e o magistrado olham para mim com severidade, mas recomponho o meu rosto e as outras raparigas também não me denunciam, nem mesmo a miudinha. Sinto-me mal por antes ter olhado para ela com superioridade.

— Chasy Stow? — chama o magistrado. O carcereiro faz sinal para a rapariga se levantar. — Vagabundagem e mendicidade sem licença.

— Sou de Chester Town — responde a Chasy em voz baixa.

— Não estamos em Chester Town — responde o magistrado sem sequer levantar os olhos.

— Mas não havia trabalho nenhum e eu não podia ficar em casa! — tenta explicar a Chasy.

Até eu sei que não importa as razões que apresente. As pessoas que não têm um lugar fixo para viver são apanhadas pelo chefe da guarda com a acusação de vagabundagem, a não ser que tenham uma licença especial da Rainha.

O magistrado continua com os olhos colados ao pergaminho.

— Consegues trazer duas testemunhas credíveis que atestem a teu favor?

Que pergunta idiota de se fazer.

— Não está aqui mais ninguém além de nós — digo para a comedora do cão. — Só o carcereiro, e qual é a probabilidade de ele ser irmão dela? — O magistrado bate com o martelo de madeira na mesa e eu calo-me.

O magistrado pronuncia o castigo da Chasy, como a rapariga encarregada disse que faria. Ela vai ser chicoteada e depois vão queimar-lhe a cartilagem do ouvido com um ferro em brasa da grossura do polegar de um homem.

— E se voltares a este tribunal — continua o magistrado —, serás pendurada pelo pescoço até morreres.

Isto também é um castigo idiota, porque desde quando se penduram as pessoas pelo pescoço e elas continuam vivas? Mas não digo nada às outras. Digo-o só em pensamentos. A seguir ralho comigo mesma, que pensamentos pouco bondosos. *A devoradora de pecados vai comer uma pastinaca na minha campa.*

O magistrado percorre as raparigas todas, uma a uma. Algumas vão para a forca, outras serão chicoteadas. A rapariga miudinha vai ser queimada viva na fogueira. O magistrado não olha para nenhuma de nós. Não nos faz perguntas, a não ser se temos testemunhas credíveis para falarem bem de nós, mas ele sabe perfeitamente que não temos. De cada vez que ele pergunta isto, sinto um calor imenso em forma de estrela que me arde dentro do peito, no sítio onde as costelas se encontram. É a sexta ou sétima vez que me sinto furiosa e nem costumo ser muito dada à cólera. Quero que ele pare de fazer esta pergunta. Ou que olhe para nós.

— May Owens — chama ele.

— Sim. — Respondo sonoramente, surpreendendo-me a mim e ao carcereiro, que olha para mim com ar reprovador. Mas consegui. Fiz com que o magistrado levantasse os olhos.

Ele olha para mim durante muito tempo. Na verdade, fita-me, com os olhos a assumirem umas rugas negras. As outras raparigas levantam a cabeça para o silêncio, arrancadas aos sonhos acordados em que se perdiam.

— May Owens — repete ele, desta vez a prolongar todas as letras, deixando-as escorrer pela língua. — Nascida Daffrey.

— O meu apelido é Owens — digo, com a voz a sair-me mais brusca do que era minha intenção. Os meus dedos vão diretamente para o anel do meu pai. Não sei como o magistrado sabe o nome de solteira da minha mãe. Ele nem pestaneja. Os seus olhos são pequenas luas negras que

só observam. Observam. Talvez ele tenha conseguido ver o meu interior, como eu desejei antes, talvez através de algum feitiço.

Depois, vindo do nada, ele chama:

— Winnie Fletcher — e o feitiço quebra-se. Todas olhamos para o carcereiro meio atordoadas. — Winnie Fletcher! — O magistrado dirige-se ao carcereiro, que olha para nós. A Winnie Fletcher levanta-se com hesitação. — Roubaste a carteira a um homem. Alguma testemunha credível que ateste a teu favor?

Depois da última sentença, o magistrado sai pela mesma porta por onde entrou. O carcereiro faz-nos sinal para nos levantarmos.

— Mas eu não recebi castigo — digo-lhe. Nem sequer me foi atribuído um crime. A única coisa que ele disse foi o meu nome. E olhou para mim daquela maneira.

Caminhamos de volta para a cadeia a meio do dia húmido e sujo.

— Então e eu? — pergunto ao carcereiro quando passo por ele para entrar na minha cela.

Ele encolhe os ombros como se lavasse dali as suas mãos e vai-se embora. Olho para as outras raparigas.

— Então e eu? — Todas evitam olhar para mim, como tínhamos feito antes com a rapariga miudinha.

—

NÃO TER UMA SENTENÇA É QUASE PIOR DO QUE TER. AS RAPARIGAS CONDENADAS À FORÇA VÃO SER ENFORCADAS DAQUI A TRÊS DIAS.

— E eu, também vou ser enforcada como elas? — pergunto ao carcereiro por entre as barras da cela, mas o homem parece ter-se transformado em pedra. — Devo preparar-me para a forca?

Não que haja grande coisa que possamos fazer para nos prepararmos. A Winnie promete os sapatos a uma das prostitutas se ela comer os seus pecados. A não ser que sejam ricos, os detidos recebem uma Cerimónia de Comer Simples, que está reservada para aqueles que não se podem confessar antes de morrer. A prostituta diz-lhe que não.

— Mas a tua alma já está perdida — argumenta a Winnie. — Os meus pecados já não te podem fazer mal. Não são muitos. Só os furtos e algumas mentiras; juro.

As outras prostitutas abanam a cabeça mesmo antes de a Winnie lhes pedir que comam os seus pecados.

— Ninguém pode olhar para uma devoradora de pecados. Ninguém lhe pode tocar. Como é que posso continuar a trabalhar se ninguém puder olhar para mim ou tocar-me?

A rapariga miudinha tem mais sucesso. Oferece uma moeda à comedora do cão para esta entregar um medalhão à sua irmã. Promete também que quando o entregar, a irmã lhe dará outra moeda.

— Mas não o posso fazer antes do próximo outono — avisa a comedora do cão. Ela vai ficar na cadeia durante a primavera e o verão, que é o tempo que a sua família vai demorar a pagar a multa que lhe foi atribuída.

— Isto também não se estraga até lá — diz a rapariga miudinha, pousando o medalhão na mão da outra. Sorriu com a leveza dela, mas os seus olhos ficam vidrados para lá dos meus.

—

PASSO O DIA SEGUINTE A PENSAR NO MEU PAI. COMO ELE SE DEITOU NA cama por baixo da colcha azul cheia de remendos, a tremer e agitado, depois de ter cortado a mão a arranjar o moinho da cidade. Como chamei o médico e como este olhou para o meu pai de alto a baixo e me disse que não havia nada a fazer com o dinheiro que eu tinha. Como o meu pai me pediu que lhe contasse o que via da janela e como ele nem se importou quando descrevi cada uma das minhas observações, mesmo aquelas sobre as nuvens que mudavam de forma enquanto passavam no céu. Como não fui capaz de chamar a devoradora de pecados e acabou por ser tarde de mais. Uma certa manhã, enquanto eu aquecia o leite, o meu pai saiu de dentro de si e deixou apenas a sua pele para trás; e deixou-me sozinha. A sombra dele ficou na nossa casa durante semanas. Não era escura como uma sombra normal, mas apenas um vazio com a forma do meu pai. Eu via-o pelo canto do olho e virava-me sabendo que ele estava ali. Mas, quando olhava, não estava lá nada.

O mais difícil era não ter ninguém a quem descrever as minhas observações, como, por exemplo, se via uma aranha ao lavar as mãos na bacia. Ou como conseguia reproduzir a ondulação de um rio sacudindo a beira dos lençóis para cima e para baixo, para cima e para baixo.

Tentei contar as minhas observações à Bessie, a nossa vizinha. Nas primeiras vezes, ela dava-me as boas-vindas quando ia falar com ela, ria-se e chamava-me língua de trapos, como a minha mãe fazia. Mas, à medida que os dias foram passando, via-a a encolher-se um pouco quando me via

a aproximar-me. Os dias transformaram-se em semanas e ela já suspirava sonoramente quando eu chegava, como se eu não conseguisse ouvir o seu suspiro suave.

Tentei falar com o gato que vinha caçar nas ervas do meu quintal. Ou falava com o saco de flores secas que a minha mãe tinha na prateleira da lareira. Fazia trinta por uma linha só para conseguir cumprimentar as pessoas que ainda vinham pôr roupa para eu lavar. Para as ouvir dizer «muito agradecida» e responder «não por isso». Por vezes falava com as roupas enquanto as lavava, como se estas fossem as pessoas que as usavam. Mas sentia falta das respostas. Por isso, apesar de saber que ela já não tinha paciência para mim, esperava junto às portadas da janela e quando via a Bessie a ir para a cozinha da horta, ia ter com ela, para partilhar as minhas notícias.

Até que um dia a encontrei de joelhos com seis cenouras cheias de terra ao lado. Lembro-me de que uma das cenouras era curta e tinha uma forma estranha, como um dedo partido. Tinha ido à horta para lhe contar sobre um corvo que andava a debicar um pedaço de couro velho. Ela levantou-se mesmo antes de eu chegar à parte do couro.

— Não, não, não, não podes fazer isto. Já é de mais — queixou-se a Bessie. — Eu não sou a tua mãe. Tenho de cuidar da Lee e do Tom. Mas não tenho de cuidar de ti.

— Mas é a minha vizinha — disse eu.

— E já cumpro durante muito tempo o meu dever de boa vizinha. — As suas palavras abateram-se sobre mim. — Tu precisas de uma família e tens muitos familiares mais abaixo junto ao rio. Vai ter com eles e leva as tuas tagarelices sobre o que o cão cheirou hoje de manhã e a nuvem com a forma de um cordeiro.

A última coisa que eu precisava era de familiares.

—

DUAS MANHÃS DEPOIS, AS RAPARIGAS CONDENADAS À FORÇA SAÍRAM DA cadeia. O carcereiro nem pestanejou quando lhe perguntei:

— O que vai ser de mim?

Já restávamos poucas na cela. Até é melhor assim, por causa do penico. Só há um e quando a cela está cheia, o penico enche-se tão depressa que temos de urinar num canto. Se eu soubesse a quantidade de mijo que existe na cadeia, teria trazido baldes e baldes para o apanhar. Há sítios onde compram mijo velho. A minha mãe e eu usávamo-lo para branquear a roupa e

os pisoeiros usam-no para limpar a lã nova. Os tintureiros também têm uso para ele, mas não sei exatamente qual é.

Chegam mais raparigas. O penico transborda outra vez. Este lote novo tem muitas ladras, incluindo quatro irmãs que trabalhavam nas cozinhas reais e tinham um bom negócio paralelo a vender os restos de comida da mesa da Rainha Bethany quando esta e a sua corte ficavam na cidade.

Nas estações intermédias do ano, a primavera e o outono, a Rainha Bethany e a sua corte subiam o rio em grandes barças, vindos da cidade, e ficavam a viver aqui. Toda a gente ia ver quando ela chegava com os seus criados, damas de companhia e baús cheios de bagagens. Queria dizer que ia haver trabalho e dinheiro. Mas a cidade parece que fica a abarrotar de forma desconfortável, as estradas enchem-se de gente, de carroças e cavalos, os proclamadores declamam as notícias, os latoeiros e vendedores de bugigangas montam as suas bancas, os vagabundos e os pedintes cirandam pelas ruas, como diz o verso:

*Ão, ão, ladra o cão,
Os pedintes estão a chegar,
Devoradoras de pecados, bebedores de vinho,
E jogadores com vestes de veludo.*

As quatro irmãs que trabalhavam nas cozinhas formam uma pequena sociedade, a conversar e a rir entre si, às vezes a abraçarem-se enquanto uma chora. Eu sento-me por perto e finjo que faço parte. Faz-me sentir que tenho amigas. Elas parecem não se importar.

— No tempo da nossa mãe, vender comida que sobrava não era contra a lei — diz a irmã mais velha numa certa manhã. — Fazia parte do ofício!

— Agora toda a gente sente os apertos — queixa-se a irmã mais nova. — A Rainha obriga as senhoras da corte a pagar o seu próprio sustento, sabiam? — explica àquelas de nós que não sabiam. — Pagam a comida, as velas e até a lenha — apesar de elas estarem ali para servirem e entreterem a Rainha. A malvada Rainha!

— Fala baixo, Lila! — ralha a irmã mais velha.

— Essas são palavras que só deves dizer dentro da tua cabeça — sugiro em voz alta.

— A Gemma viu a Rainha a espetar uma faca na mão de uma dama por ter sorrido ao seu favorito! A faca atravessou-lhe a mão toda e ficou espetada na mesa — diz a Lila.

— Mesmo assim, se não queres que te cortem a língua e que a pendurem na muralha do castelo, não podes dizer essas coisas — diz a mais velha.

— Um casamento resolvia o problema num instante — diz outra das irmãs. — Deixava de haver favoritos.

— Se a luta pela sua mão não nos trazer outra guerra — murmura a mais velha.

— Oh, pensa só, um casamento real — diz a Lila. — Dinheiro e comida com fartura.

— Espero que ela não case com um forasteiro — diz a mais velha. — Há tantos homens bons no nosso país. Do Sul ao Oeste e até no Norte.

— Os do Norte não são forasteiros? — comento. Toda a gente sabe que os homens nortenhos usam saias, só comem enchidos e fornicam com tudo o que lhes aparecer à frente, homens, mulheres e até as suas próprias ovelhas. As irmãs continuam a falar como se eu não tivesse dito nada.

— Lembram-se daquele jovem pretendente com as meias vermelhas? — diz a mais nova e todas desatam a rir-se. Depois um suspiro instala-se sobre o grupo e aninham-se juntas, como rolas num ninho.

A nossa vizinha Bessie diria que é próprio de reis e rainhas fazerem guerras.

— Mas eles já tiveram uma guerra — queixei-me a ela em certa ocasião, quando era pequena. — O meu avô morreu na guerra.

— É verdade, mas isso foi no tempo do rei velho. Ele já morreu e deixou fraca descendência. Só teve duas filhas, a Maris e a Bethany, e agora toda a nação está em guerra para ver qual delas tem a melhor fé.

— Não é a mais velha que é rainha?

— Não queres ir lá acima ao castelo comunicar a tua descoberta? «Desculpem, vossas graças, já não vale a pena lutar pela fé antiga ou pela fé nova. Chamem a enfermeira real e perguntem: quem é que deixou de mamar primeiro?» — A Bessie desatou a rir-se com a filha, Lee. A Lee ainda acha que tudo o que tenha que ver com seios é muito engraçado, apesar de ter nascido um ano inteiro antes de mim.

Esta parte da fé é um pouco difícil de entender, mas o que sei é o seguinte: o rei velho fundou uma fé nova e, enquanto ele reinou, toda a gente era obrigada a observar a mesma fé. Se uma pessoa ainda era Eucarística, ou da fé antiga, podia ser condenada à morte. Todos os altares da fé antiga foram destruídos e os terços foram queimados no campo do lixo. Mas depois o rei morreu.

Maris, a sua filha mais velha, foi a rainha seguinte. Ela era Eucarística

e obrigou toda a gente a voltar à fé antiga; aqueles que não voltavam eram condenados à fogueira. A rainha ficou conhecida como Maris Sangrenta, apesar de Maris das Cinzas ser um nome mais adequado, já que as pessoas eram queimadas, não sangradas. Por duas vezes a Rainha Maris anunciou que estava grávida. Mas das duas vezes a criança não nasceu. Por isso, quando ela morreu, a sua irmã, Bethany, tornou-se rainha. E qual era a sua fé? A nova, pois claro. Por isso, a Rainha obrigou toda a gente a voltar à nova fé. E andámos assim, para a frente e para trás, para a frente e para trás. Mas isto não teve graça nenhuma. Os Purgadores andavam de porta em porta e espancavam as pessoas que não observassem a fé nova. Apesar disso, não deixo de reparar que o povo não lhe chama Bethany Sangrenta. Pelo menos não em voz alta. E a luta ainda não acabou. Agora, os combates são para determinar qual dos seus pretendentes ganhará o coração da rainha e se tornará rei, com a missão de lhe fazer um herdeiro.

—

PASSAM-SE MAIS DIAS. ARRANJO O MEU PRÓPRIO CANTO NO MEIO DA PALHA. É difícil dormir com tanta gente a respirar e a ressonar em cima de mim, mas a companhia sempre serve de consolo.

— A cadeia não é tão sombria como possas pensar — digo a uma rapariga nova, pouco maior do que uma criança. — Embora tenhas de estar atenta aos percevejos.

Ela levanta a camisa e mostra-me uma série de mordidas. Então já sabe.

A chuva não para de cair durante dois dias. Um pequeno riacho cai do telhado e escava um sulco no centro do chão de terra, separando-nos em margens opostas da cela. O meu pai teria reparado este telhado num dia.

As coisas só querem funcionar bem, costumava dizer. Escuta e elas dizem-te o que precisa de arranjo. A seguir, levava um cadeado ao ouvido. Um pino encravado, dizes tu? Vamos dar uma vista de olhos.

Lembro-me de que num certo dia o meu pai trouxe para casa o colar de um vendedor de lãs para reparar. Estávamos a meio do verão e eu tinha nove anos. A corrente estava partida e enquanto a arranjava, o meu pai mostrou-me a pedra vermelha que pendia no meio. Tão bonita. Depois mostrou-me a parte de trás. Era feita de massa. Fiquei de queixo caído.

— Não importa do que é feita — explicou o meu pai. — Continua a ter um brilho bonito.

Todos os Owens tinham habilidade para reparar coisas. Owens. Digo as letras uma de cada vez; todas me soam amplas e abertas. Como o vento morno da primavera. Eu sou uma Owens.

Quando fiz dez anos, o meu pai disse-me que estava na altura de escolher uma profissão.

— Eu lavo roupa — respondi. — Como a mãe fazia.

— A tua mãe lavava roupa porque não sabia fazer mais nada — disse o meu pai.

Ele não sabia que a minha mãe sabia muitas coisas. Ela sabia como dormir uma sesta leve como a de um gato nos lençóis finos que a filha do vendedor de lã trazia. Sabia como se vestir com os vestidos elegantes da mulher do Burley e fazer de conta que era uma rainha com um emblema e uma coroa. Os vestidos eram de seda, disse-me ela, *um material excretado por bichos*. Quando ouvi isto, trouxe-lhe uma saca cheia de minhocas e presenteei-a com os bichos nas nossas melhores faianças. Pensei que era um presente requintado, mas a minha mãe atirou-me com tudo para cima, pratos e minhocas, e mandou-me para a cama sem comer, a não ser que quisesse jantar as minhocas.

Agora imagino as minhocas na terra a toda a volta da minha mãe, a devorá-la.

Pensar mal dos mortos: *pombo assado*.

A família da minha mãe chamava-se Daffrey. É um nome como a cor do interior de uma maçã podre. Todos temos o mesmo cabelo, preto e áspero como a lã das ovelhas criadas para comer, não para dar lã. Todos temos o mesmo sorriso de esguelha e a mesma cova na bochecha, como um prego aparado.

Quando era pequena, não via muitas vezes a minha família Daffrey. O meu pai dizia que eles não eram como nós. Ele queria dizer que não eram boa gente. Não o dizia exatamente com estas palavras, mas sei que era esta a sua intenção.

Um ano depois de a minha mãe morrer, a minha avó Daffrey chegou com dois homens corpulentos, os meus tios. Ela apontou para mim com um dedo torto como um galho de bétula.

— Fiquei a saber uma coisa nova sobre esta. Vamos levá-la connosco.

O meu pai tentou lutar contra eles.

— A lei diz que ela é minha.

— Ai é? — perguntou a minha avó.

Foi a única vez que ouvi o meu pai praguejar.

*Grão de cevada sobre a campã,
E a alma do blasfemo será salva.*

Ele não conseguiu fazer frente aos meus tios. Bastou um ataque para ele cair. E foi assim que vim viver com os Daffrey, durante um ano. Foi o ano mais negro de todo o sempre.

A casa dos Daffrey ficava junto ao rio, num sítio onde a terra se afundava e esguichava a cada passo. Durante a primeira semana do meu ano com os Daffrey, a minha avó manteve-me presa à mesa da cozinha com uma trela, para se certificar de que eu não fugia. Ela era dura como uma noz velha, daquelas com o miolo já preto e amargo.

— O teu tio vai fazer com que o teu pai pague o que tem a pagar e depois vamos viver à grande — disse ela.

O meu pai não tinha dinheiro para ninguém viver à grande, mas não lhe disse nada.

Depois, chegaram os meus primos. Dois rapazes mais ou menos da minha idade. Chegaram com uma saca do tamanho de um capuz. Puseram-me a saca na cabeça e as mãos dos rapazes caíram sobre mim, velozes como chicotes; tiraram-me a roupa, até a interior. Eu puxei a saca para a tirar da cabeça, mas um dos rapazes segurou-a no sítio. Quando estava despida, eles puseram as mãos onde quiseram, mesmo entre as minhas pernas. Eu tropecei enquanto me debatia e aterrei com força sobre o chão de pedra. Ouvi passos e a voz sonora e rude da minha avó, que fez com que me deixassem sossegada. O capuz saiu de cima do meu rosto e o interior ficou manchado por dois rastos de lágrimas e ranho. Nesta altura a minha avó cortou a trela, mas jurou que me prendia outra vez e deixava os rapazes fazer o que lhes apetecesse comigo, caso tentasse sair da cozinha.

Sempre odiei a cova do rosto por causa dos Daffrey, detestava ter a marca daquela família em mim.

— Mas tu ganhaste-lhes — disse-me o meu pai depois de me ir buscar novamente. — Porque também tens uma cova no queixo. Nenhum deles se pode gabar disso. É uma coisa muito rara, ter uma cova no queixo. Nem duas pessoas em vinte a têm.

Quando tinha saudades do meu pai, girava o anel no dedo, às vezes girava-o tanto que me cortava a carne.

—

PASSA-SE UMA SEMANA NA CADEIA E MAIS UMA RONDA DE RAPARIGAS VAI ao tribunal. Parecem esperançosas, nervosas, espantadas. Eu sinto-me mais velha, mais sábia. É então, quando a última vai a sair da cela, que o carcereiro chama:

— May Owens.

E subitamente também me sinto esperançosa, nervosa e espantada.

— Há novidades? — pergunto.

O carcereiro limita-se a desviar os olhos.

Hoje há dois homens da nova fé, Homens do Criador, com os seus mantos negros junto da porta lateral do tribunal. Questiono-me se estarão aqui para rezarem por nós. O magistrado passa pelas raparigas todas. À semelhança do que fez antes, pronuncia os seus crimes e pergunta se têm alguém que as defenda. As irmãs que trabalhavam nas cozinhas têm de pagar uma multa, mas vão para casa hoje.

O magistrado espera até ao fim, até todas as sentenças serem pronunciadas, para chamar pelo meu nome. Desta vez apressa-se. Não olha para mim, nem sequer levanta os olhos. Diz apenas qualquer coisa sobre comunhão. Ou comutação. A minha sentença foi comutada. Só percebo que não vou ser enforcada nem multada. Vou receber um castigo diferente. Um murmúrio viaja por entre as outras raparigas. Sinto o sangue a pulsar no fundo do meu crânio. Ecoa-me nos ouvidos. Uma pequena centelha de esperança desponta do meu coração. Uma das irmãs sorri-me de forma encorajadora e eu retribuo o sorriso. Por isso não entendo muito bem quando ele diz:

— Para se tornar Devoradora de Pecados.

— Perdão? — pergunto, estupidamente. Como se os magistrados esperassem para ouvir as perguntas das raparigas.

O magistrado faz sinal aos Homens do Criador. Alguma coisa brilha na mão do primeiro que se aproxima. O outro traz uma pequena caixa e um pau bifurcado. Caminham na minha direção e subitamente a única coisa que desejo é poder puxar um lençol por cima de mim e esconder-me. O primeiro homem levanta uma coleira de latão pesada com um enorme *D* pendurado na parte da frente e um cadeado grosso na parte de trás. Segurando a coleira por cima da minha cabeça, começa a recitar as palavras antigas:

*A devoradora de pecados caminha entre nós,
Ninguém a vê, ninguém a ouve.*

*Os pecados da nossa carne tornam-se nos seus pecados,
Seguem-na até à cova.
Ninguém a vê, ninguém a ouve.
A devoradora de pecados caminha entre nós.*

O Homem do Criador põe a coleira em volta do meu pescoço. É pesada e fria, exceto nos sítios que as suas mãos tocaram e ocorre-me subitamente a imagem do freio de um cavalo, como se ele pudesse enfiar-me um na boca a seguir. Mas o que acontece é ainda pior. O segundo homem pega no trinco da coleira e fecha-o com o cadeado. Até as minhas entranhas sentem os pinos a girar.

Agarro a coleira. Os meus dedos contornam-na, procurando o cadeado. Puxo com toda a minha força. Com os braços fortes de lavadeira que tenho. Com os dedos grossos e cheios de calos. O latão corta-me a pele, mas continuo a puxar. Puxo com tanta força que caio para o chão. Está bem preso.

Começo a gritar:

— Porquê eu? — Mas assim que as palavras se formam no ar, as vozes à minha volta erguem-se juntas, para entoar a Oração do Criador:

*Criador meu, que vives com a luz do Sol,
Os milagres são feitos em teu nome.
Protege-nos a nós, pecadores,
Agora e na hora da nossa morte.*

Tento gritar novamente, elevando a minha voz por cima das deles.

— Por favor! — Mas mal consigo ouvir os sons da minha própria garganta. Foram engolidos pela Oração do Criador. Ninguém me consegue ouvir. Ninguém me vai ouvir.

Os olhos do primeiro Homem do Criador estão fixos no teto, mas quando fala, sei que é a mim que se dirige.

— A devoradora de pecados leva silenciosamente para a sua sepultura os pecados de todos nós. Ela jamais poderá confessar-se e ser absolvida. Porém, se servir a vontade do Criador com fidelidade, verdadeira piedade e obediência, Eva não poderá reclamar para si a devoradora aquando da sua morte. A sua alma ascenderá ao Criador. Mas o Criador é onisciente. Ela deve obedecer em cada pensamento e em cada ato, durante toda a sua vida.

— Assim seja — diz o segundo homem, e todas as pessoas da sala repetem estas palavras, como se faz quando acabamos de rezar.

Depois, o segundo Homem do Criador abre a sua caixa. Lá dentro está uma agulha, um frasco de tinta e uma pinça como a que os ferreiros usam. Começo a agitar-me no banco, mas o segundo homem usa o pau bifurcado e apanha o meu pescoço entre as duas pontas. Empurra-me contra a parede e fico encurralada como uma velha com a cabeça no cepo. O primeiro homem pega na pinça, abre-me a boca e prende-me a língua.

Ainda demora algum tempo até ele conseguir escrever um *D* com a agulha. Tempo suficiente para a minha língua ficar tão seca que quase nem sinto as picadas. Tempo suficiente para os meus lamentos se transformarem em pequenos arquejos e depois em meros soluços. Quando acabam o trabalho, os homens soltam-me. Tenho a língua a latejar e sinto-a grossa dentro da boca. Sinto o sabor do sangue e da tinta azeda que me marcará eternamente como uma devoradora de pecados. É isto que vou ser até ao dia da minha morte.

A rapariga ao meu lado afasta-se como se a minha carne estivesse a fazer bolhas e a escurecer, como se tivesse a peste. As outras, cujos rostos me encararam antes com espanto, encorajamento e inveja, afastam-se também, como sanguessugas já cheias de sangue. É a última vez que vão olhar para mim. É a última vez que quase toda a gente olhará para mim.